

Resenha da exposição *Eu sei em quem acreditei: centenário de dom Luciano e os caminhos da coleção*

Review of the exhibition I know who i believed in: centenary of dom Luciano and the paths of the collection

Recebido em: 27/08/2025

Aprovado em: 24/10/2025

Verônica Nunes

Sayonara Rodrigues Viana

[Sobre as autoras >>](#)

A exposição *Eu sei em quem acreditei*, realizada no Memorial de Sergipe Prof. Jouberto Uchôa, em 2025, celebra o centenário de nascimento de dom Luciano José Cabral Duarte (1925-2018), figura que marcou profundamente a vida religiosa, intelectual e cultural de Sergipe. A mostra reconstrói, por meio de objetos, documentos e narrativas visuais, os múltiplos “caminhos” trilhados por dom Luciano, revelando sua dimensão autobiográfica e coletiva.

A partir da documentação reunida ao longo de décadas, a exposição retoma a trajetória do sacerdote, bispo e arcebispo metropolitano de Aracaju, articulando sua vivência religiosa às práticas educativas, culturais e artísticas que atravessaram sua vida. Nesse sentido, não se trata apenas de uma homenagem, mas de um exercício museológico de ressignificação da memória, em que os objetos deixam de ser lembranças privadas para assumir o estatuto de patrimônio cultural.



O Instituto e o Memorial: gênese de um acervo

Criado em 2004, o Instituto Dom Luciano Duarte buscou reunir e salvaguardar o arquivo documental, a biblioteca Jean Guilton e o Memorial Dom Luciano Duarte. Nesse espaço, estruturaram-se quatro eixos temáticos – Caminhos da fé, do coração, do saber e do mundo – que orientaram a narrativa museográfica inicial. Tais caminhos articulavam objetos de culto religioso, registros familiares, condecorações e publicações, bem como suvenires de viagens, revelando a amplitude da experiência de dom Luciano no entrelaçamento entre fé, educação e cultura.



Figura 1. Folder Memorial Dom Luciano Duarte, 2004. Acervo pessoal de Sayonara Viana, 2025.

Com o encerramento das atividades do instituto, os acervos foram dispersos em diferentes instituições, como o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão e o Seminário Nossa Senhora da Conceição. Esse deslocamento reforça um aspecto importante da coleção: sua natureza fragmentária e, ao mesmo tempo, relacional. Cada núcleo institucional, ao receber parte dos objetos, tornou-se também guardião de memórias que extrapolam a trajetória individual e se inserem no tecido da memória sergipana.

O homem viator: viagens e aprendizados

A mostra em questão valoriza especialmente as viagens de dom Luciano, entendidas como experiências formativas e de ampliação cultural. “Viajar, para mim, é um dos preciosos presentes da vida” (Duarte, 2010, p. 99), escreveu ele em uma de suas correspondências. Nas remetidas de Paris em 1954, por exemplo, descreveu a visita ao Palácio de Queluz e ao Palácio Real de Sintra, revelando sensibilidade para as diferenças culturais e arquitetônicas. Já ao visitar o Louvre, encantou-se com a *Vitória de Samotrácia* e a célebre *Vênus de Milo*, que considerava “uma das obras-primas da humanidade”.



Figura 2. Dom Luciano e sua irmã Carmen Dolores Duarte, 1943.

Acervo da família.

Seu olhar atento também se estendeu ao British Museum e a exposições impressionistas em Paris, das quais destacou artistas como Cézanne, Renoir e Sisley. Os relatos não apenas revelam um aprendizado estético, mas também indicam como a experiência do colecionador se formava em diálogo com o patrimônio europeu. Posteriormente, esse contato se refletiria em textos como o dedicado a Álvaro Santos, publicado no catálogo da Galeria de Arte Álvaro Santos, em Aracaju.

Figura 3. Sagrada Família.
Pintura sobre seda, Japão, séc. XX.

Foto tirada por Verônica Nunes, em 2025, do acervo da família.



A amplitude de suas viagens – a Índia, durante o Congresso Eucarístico Internacional de 1964, e ao Japão, em 1972, na Conferência da Unesco – atesta a dimensão universal de sua trajetória. Os objetos adquiridos nesses percursos, como a “Cruz do peregrino”, o “Prato da multiplicação dos pães” e pequenas pinturas japonesas sobre seda, são testemunhos materiais dessa inserção no mundo e constituem o núcleo mais expressivo do conjunto.

Colecionismo autobiográfico

A coleção de dom Luciano possui caráter marcadamente autobiográfico. Segundo Pomian (1984), os objetos semióforos são dotados de significados simbólicos, e não de utilidade prática. Nesse sentido, os suvenires recolhidos ao longo das viagens tornam-se testemunhos de experiências pessoais e culturais.

Figura 4. Prato com reprodução do mosaico de peixe e pão da Igreja da Multiplicação, existente em uma rocha na cidade de Tbgna (Ein Sheva), na costa noroeste do Mar da Galileia.
Foto tirada por Verônica Nunes, em 2025, do acervo do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/SE.



No caso de dom Luciano, o colecionismo não foi compulsivo, mas seletivo: a escolha dos objetos traduzia mais uma forma de narrar o mundo do que de possuí-lo. As peças só ganharam visibilidade pública com a criação do memorial, quando Carmen Dolores Duarte, sua irmã e guardiã de sua memória, tornou possível a extroversão desses testemunhos.

Figura 5. Gárgula, Igreja Notre Dame, Paris, década de 1950. Foto tirada por Verônica Nunes, em 2024, do Acervo do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão/SE.



Assim, a coleção funciona como espelho autobiográfico, em que cada objeto, ao ser cruzado com cartas e crônicas, revela fragmentos da trajetória de vida. Esse processo evidencia como as práticas de memória se articulam a experiências subjetivas e à construção de identidades coletivas.

A exposição do centenário: caminhos revisitados

A mostra de 2025, concebida no Memorial de Sergipe, retoma os “caminhos” como eixo estruturante da narrativa. O título *Eu sei em quem acreditei* remete ao lema episcopal de dom Luciano e reforça o papel da fé como fundamento de sua vida.

O projeto expográfico incorporou empréstimos de instituições como o Museu de Arte Sacra, definiu as cores e o layout da sala e garantiu condições de circulação e acessibilidade. Ao mesmo tempo, valorizou a cenografia como recurso comunicativo. Como lembra Oliveira (2017, p. 29), “a museografia difere da cenografia em um ponto básico: a montagem. A mensagem não pode reduzir a apresentação do acervo, precisa ter uma finalidade cultural que represente identidades, memórias individuais e coletivas”.

Essa escolha demonstra a preocupação em transformar a experiência expositiva em um diálogo sensível entre visitante e objeto, favorecendo não apenas a contemplação, mas a construção de sentidos. A mostra reuniu fontes documentais, iconográficas e museológicas, cruzadas com a literatura produzida sobre dom Luciano, conferindo-lhe um painel que reafirma o caráter biográfico da coleção.

Crítica e contribuições

Do ponto de vista crítico, a exposição realiza um duplo movimento: de um lado, homenageia dom Luciano ao destacar seu percurso de fé, saber e abertura ao mundo; de outro, contribui para ampliar a compreensão de seu legado, situando-o como personagem fundamental na história cultural de Sergipe.

O mérito principal do projeto reside na capacidade de deslocar os objetos de um âmbito privado para o espaço público do museu, somando-lhes nova dimensão. Como semióforos, eles passam a integrar a memória coletiva, assumindo o papel de instrumentos de reflexão e educação. A cenografia, nesse contexto, não é mero adorno, mas estratégia de mediação cultural, que reforça a potência comunicativa da exposição.

Entretanto, pode-se observar que o caráter fragmentário do acervo, disperso em diferentes instituições, impõe limites à narrativa curatorial. O esforço de reunir peças em empréstimo, embora louvável, revela a necessidade de políticas mais amplas de preservação e integração da memória documental e museológica relacionada a dom Luciano.

Os objetos da coleção para além da sua materialidade

A exposição *Eu sei em quem acreditei* reafirma o valor do objeto como mediador de memórias, transformando lembranças individuais em patrimônio coletivo. A trajetória de dom Luciano, marcada por sua atuação religiosa, educativa e cultural, encontra-se condensada em peças que, ao serem expostas, deixam de ser apenas suvenires para se tornar sinais dotados de significados múltiplos.

Nesse processo, o Memorial de Sergipe assume papel crucial, não apenas como espaço de celebração, mas como instância crítica de atualização da memória. A mostra transcende a homenagem para se tornar reflexão sobre o colecionismo, a identidade e o papel social dos museus.

Ao fim, a exposição do centenário não apenas recorda dom Luciano, mas convida o visitante a refletir sobre a própria experiência de memória e sobre os modos como objetos, coleções e narrativas constroem sentidos coletivos. Trata-se, portanto, de um exemplo significativo de como a museologia pode transformar trajetórias individuais em patrimônio partilhado, ampliando o horizonte da história cultural sergipana.

Referências

- ARQUIDIOCESE DE ARACAJU. *25 anos de sacerdócio de Dom Luciano José Cabral Duarte, Arcebispo Metropolitano de Aracaju: 1948-1973*. Aracaju: Gráfica Olímpica Editora, 1973.
- DUARTE, Luciano José Cabral. *Estrada de Emaús*. 2. ed. Aracaju: Instituto Dom Luciano Duarte, 2010.
- DUARTE, Luciano José Cabral. *Índia a voo de pássaro*. Aracaju: Livraria Regina; Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, 1970.
- MEDINA, Ana Maria Fonseca (org.). *Cartas d'além-mar: epistolário de Dom Luciano Duarte*. Aracaju: Edise, 2020.
- MEDINA, Ana Maria Fonseca (org.). *O pensamento eloquente de Dom Luciano Duarte: antologia*. Aracaju: Criação Editora; Academia Sergipana de Letras, 2025.
- MORAIS, Gizelda. *D. Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2008.
- OLIVEIRA, Rafaela Barros. *A correlação entre a expografia e a cenografia: um estudo de caso da exposição do Paço do Frevo*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35922>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. Tradução Suzana Ferreira Borges. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi: memória-história*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-80.

Verônica Nunes | Graduada em história pela Universidade Federal de Sergipe; mestre em memória social e documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; e doutora em arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: nunes.campuslar@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1942264997986325> | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9848-3061>.

Sayonara Rodrigues Viana | Bacharela em ciências econômicas e licenciada em história pela Universidade Tiradentes; bacharela em museologia pela Universidade Federal de Sergipe; pós-graduada em educação e patrimônio cultural de Sergipe e mestre em educação pelo PPED/Unit. E-mail: galeriasayonara@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3247867832545433> | Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3047-5537>.

<< Voltar ao início